

A ESCOLA DA PAIXÃO: UMA LEITURA GRAMSCIANA DA FORMAÇÃO POLÍTICA

Alberto Damasceno¹
Smile Golobovante²
Monika Reschke³

RESUMO: O presente artigo objetiva discutir a relação entre educação e partido na concepção de Antonio Gramsci, um dos mais importantes intelectuais do século XX e fundador do Partido Comunista Italiano (PSI). Gramsci acreditava que a educação era um elemento essencial na luta política e na construção de uma sociedade socialista. Ele defendia a necessidade de uma formação ideológica das massas e dos indivíduos, os quais deveriam tomar a história em suas mãos e “virá-la do avesso”. A relação entre educação e partido configura o escopo principal deste trabalho. Busca-se identificar aspectos relevantes sobre a concepção de educação de Gramsci ou sua visão de partido, priorizando a abordagem “cultural” dessa relação. Em outras palavras, busca-se compreender a formação ideológica daqueles que deverão coordenar e centralizar as ações revolucionárias a partir de um prisma partidário. Conclui-se que a educação é um elemento fundamental na luta política, e que a formação ideológica das massas e dos indivíduos é um requisito essencial para a construção de uma sociedade socialista.

Palavras-chave: Antonio Gramsci; Educação; Partido.

ABSTRACT: The present article aims to discuss the relationship between education and party in the conception of Antonio Gramsci, one of the most important intellectuals of the 20th century and founder of the Italian Communist Party (PCI). Gramsci believed that education was an essential element in political struggle and the construction of a socialist society. He advocated the need for ideological formation of the masses and individuals, who should take history into their own hands and “turn it upside down”. The relationship between education and party constitutes the main scope of this work. The objective is to identify relevant aspects without a dense debate about Gramsci’s conception of education or his vision of the party, prioritizing the “cultural” approach to this relationship. In other words, the aim is to understand the ideological formation of those who must coordinate and centralize revolutionary actions from a party

¹ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor titular da Universidade Federal do Pará, coordenador do Laboratório de Pesquisas em Memória e História da Educação (LAPEM). E-mail: albertofdamasceno59@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1620-6735>

² Doutorando em Educação na Amazônia (PGEDA/UFPA), membro do Laboratório de Pesquisas em Memória e História da Educação (LAPEM/UFPA). E-mail: profgolobovante@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3639-6767>

³ Doutoranda em Educação na Amazônia (PGEDA/UFPA), membro do Laboratório de Pesquisas em Memória e História da Educação (LAPEM/UFPA). E-mail: reschke.monik@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4756-9179>

perspective. It is concluded that education is a fundamental element in political struggle and that the ideological formation of the masses and individuals is an essential requirement for the construction of a socialist society.

Keywords: Antonio Gramsci; Education; Party.

INTRODUÇÃO

Antonio Sebastiano Francesco Gramsci nasceu em Ales, na Itália, em 1891. Ele foi um dos mais importantes intelectuais do século XX, foi fundador do Partido Comunista Italiano (PSI) e lutou contra o fascismo em seu país, deixando para a humanidade um legado de produção teórica e prática que representou um passo fundamental para a renovação da leitura marxista que influenciou o pensamento político mundial. Ao apontar as contribuições teóricas de Gramsci, Coutinho (1980) afirma que ele foi um dos pensadores que melhor analisou as implicações do processo de modernização conservadora, identificando um dos principais modos pelos quais a classe dominante conquista a hegemonia nos regimes resultantes de revoluções passivas. Além disso, Coutinho referiu-se à sua teoria ampliada do Estado e à visão do Estado como síntese de sociedade política, de hegemonia e dominação, concluindo que o teórico italiano foi capaz de fornecer indicações relevantes não apenas para a compreensão de nosso passado, mas, igualmente, para a elaboração de uma estratégia de transição para o socialismo.

Sua importância no estudo das questões educacionais é preciosa. Basta considerar como, para Broccoli (1987), Gramsci formula uma proposta digna de reconhecimento e admiração:

por su profunde' en el hombre multilateral, por su anhelo de una sabiduría viquiana capaz de dirigir y de dominar todos los conocimientos. Pero sobre' todo por haber intuido que el problema pedagógico o es el problema de una estructura social em su conjunto, en toda la gama más o menos vasta de sus articulaciones, o bien es una estéril ejercitación de expertos en esta o en aquella técnica, pero incapaces de promover el desarrollo efectivo de las masas como de los individuos (Broccoli, 1987, p. 19)⁴.

⁴ “[...] por su profunde' en el hombre multilateral, por su anhelo de una sabiduría viquiana capaz de dirigir y de dominar todos los conocimientos. Pero sobre' todo por haber intuido que el problema pedagógico o es el problema de una estructura social em su conjunto, en toda la gama más o menos vasta de sus articulaciones, o bien es una estéril ejercitación de expertos en esta o en aquella técnica, pero incapaces de promover el desarrollo efectivo de las masas como de los individuos”.

Ao tratar do problema pedagógico no âmbito da estrutura social, em sua diversidade de articulações e contradições, Gramsci objetiva promover o desenvolvimento efetivo das massas e dos indivíduos. Ele nos aponta a questão da educação como incrustada na ação partidária e na militância política. Dessa forma, a tarefa de construir uma escola ou operacionalizar uma proposta educacional com vistas a uma revolução social passa necessariamente pela consideração de alguns elementos políticos referenciados na construção do partido, que coordenará e centralizará as ações revolucionárias.

Gramsci estabelece um vínculo entre a educação e o partido, relação que constitui o escopo deste trabalho. Nosso objetivo é identificar aspectos relevantes sobre sua concepção de educação ou sua visão de partido, algo que fazemos sem a pretensão de esgotar a discussão, especialmente em face da extensa literatura já produzida a respeito. Optamos então por uma abordagem mais modesta, buscando elementos em seu pensamento que justifiquem a leitura do fenômeno educativo sob uma perspectiva partidária, enfatizando a dimensão “cultural” dessa relação. Em outras palavras, procuraremos compreender até que ponto é fundamental, para o filósofo italiano, a formação ideológica daqueles que deverão tomar a história em suas mãos e “virá-la do avesso”.

Apesar de não considerarmos que ser militante político seja um critério suficiente para interpretar Gramsci, acreditamos que as considerações, críticas e práticas cotidianas no âmbito da luta política nos ajudam a nos aproximar um pouco de suas inquietações. Dessa forma, é importante evitar o gesto oposto, sintetizado pelo academicismo, como aponta Macciocchi (1980) ao se deparar com a superficialidade das análises desprovidas de uma conexão real com o contexto político e social, pois

professores ortodoxos do marxismo fechados nas suas faculdades, muito célebres, em suas cômodas cátedras universitárias, em Cambridge ou em Paris, em seus apartamentos silenciosos, povoados de livros, longe do barulho das massas, da ‘bestialidade’ do homem que luta pela vida. Encerrados nas altas torres de marfim, preciosíssimos espíritos de jade (Macciocchi, 1980, p. 267).

A autora aponta para o perigo do academicismo dos marxistas, que pode levá-los ao distanciamento ou à separação total das massas em suas respectivas lutas diárias. Esse fato

levaria à ineficiência e inutilidade do marxismo para a transformação social nos termos propostos por Engels e Marx (1999).

O HOMEM, A MILITÂNCIA E A EDUCAÇÃO

É sempre aconselhável que, ao utilizar a obra de um autor, o primeiro passo seja identificar seus interlocutores, isto é, com quem ele está falando, contra quem ele está argumentando e a favor de quem ele está se referindo. Tal advertência adquire maior importância quando se trata de um homem como Antônio Gramsci, como observa Broccoli.

constituye una empresa completamente diferente de las lecturas tradicionales a las que está habituada La precisión filológica de la cultura italiana. Gramsci no escribió sus libros ni dejó impreso su pensamiento en forma ordenada. La recomposición filológica de un texto gramsciano, en consecuencia, impugna las lecturas parciales, e implica, ante de todo, una confrontación permanente com los puntos esenciales de su pensamiento para verificar y distinguir entre la aproximación inicial y la conclusión, la rectificación no explicitada de la progresión y la maduración de una idea (Broccoli, 1987, p. 12)⁵.

A compreensão do pensamento gramsciano em seus escritos exige maior atenção, uma vez que o autor não organizou seus pensamentos de forma linear, demandando do leitor perspicácia no processo de construção da ideia desde seu ponto inicial até retificações e conclusões. Durante o período de produção de suas ideias, Gramsci enfrentou desafios tanto da direita, com a ascensão do fascismo – do qual foi prisioneiro entre 1926 e 1934 –, quanto da esquerda, representada pela 3ª Internacional Comunista. Essa posição o colocou entre dois lados opostos, em uma posição vulnerável, não apenas por suas ideias vigorosas, mas também devido à inferioridade numérica no interior do Partido Socialista Italiano (PSI) e às condições adversas que o movimento operário enfrentava diante do avanço de Hitler e Mussolini na Europa do período entreguerras. Analisando a relação conflituosa de Gramsci com o PSI, Carlos Nelson Coutinho argumenta que.

⁵ “[...] constituye una empresa completamente diferente de las lecturas tradicionales a las que está habituada La precisión filológica de la cultura italiana. Gramsci no escribió sus libros ni dejó impreso su pensamiento en forma ordenada. La recomposición filológica de un texto gramsciano, en consecuencia, impugna las lecturas parciales, e implica, ante de todo, una confrontación permanente com los puntos esenciales de su pensamiento para verificar y distinguir entre la aproximación inicial y la conclusión, la rectificación no explicitada de la progresión y la maduración de una idea”.

Os reformistas, privilegiando os pequenos ganhos econômicos em detrimento da organização da vontade política de transformação, colocavam-se objetivamente a reboque dos liberais burgueses; mas, ao conceberem o socialismo como o resultado inevitável da evolução econômica, os maximalistas – que formavam a ala radical do PSI - terminavam por cair numa posição de expectativa e passividade, que se reduzia na prática a esperar a grande crise, a grande catástrofe que poria fim ao capitalismo e implantaria quase automaticamente o socialismo. Postos entre o reformismo inócuo e a propaganda abstrata, os socialistas italianos não encontravam o caminho para uma ação eficiente de transformação da realidade.

Gramsci, embora fosse filiado ao PSI, opôs-se a essa falsa alternativa desde os seus primeiros artigos na imprensa operária da época. Ele deu sempre, por exemplo, uma grande importância ao trabalho de educação, no esforço para criar as condições subjetivas da ação revolucionárias, rompendo com a passividade dos que confiavam apenas no amadurecimento espontâneo das condições objetivas (Coutinho, 1980, p. 46-47).

Como afirma Coutinho, a educação tem um papel fundamental para Gramsci e, portanto, constitui uma ação eficaz na criação das condições subjetivas para o processo de transformação da realidade, que era o escopo de seu pensamento – afinal, Gramsci era, acima de tudo, um militante político. Sua biografia e o conjunto de seus escritos são registros incontestáveis de uma vida dedicada à revolução. Seu ideal revolucionário identificava-se com a construção do socialismo e demandava a edificação de uma prática pedagógica que estivesse a serviço das classes subalternas em sua luta pela conquista da hegemonia. Portanto, falar de uma escola em si, por si e para si em Gramsci é falar de uma escola vazia e inepta.

O que existe, de fato, é uma escola que se realizou e ainda se realiza no âmbito da construção de uma hegemonia burguesa e uma escola que, processada historicamente, integra-se na dinâmica do conflito entre as classes antagônicas da sociedade capitalista. A compreensão de sua essência deve ser investigada por meio do modo como os sujeitos são formados em seu interior e como acontece e funciona em suas atribuições educativas.

Se, por um lado, a existência dessa escola é determinada pela maneira como a burguesia conquistou sua hegemonia e pela forma como os indivíduos que dela usufruem são gerados, é necessário admitir que a realização de uma escola alternativa – isto é, a escola da classe operária – deve ocorrer no contexto do antagonismo com a escola existente. Sua construção está no cerne do processo de destruição da hegemonia burguesa e na construção de uma nova hegemonia, a das classes subalternas. No entanto, o caminho não é simples, a ponto de Gramsci expressar que permanecia:

na dúvida entre as duas concepções de mundo e da educação: se deixar agir de acordo com Rousseau e deixar obrar a natureza que nunca se equivoca e é fundamentalmente boa ou ser voluntarista e forçar a natureza introduzindo na evolução a mão esperta do homem e o princípio da autoridade. Até agora – dizia ele – a incerteza não acabou e na cabeça disputam as duas ideologias (Gramsci, 1978, p. 128).

Adiante disso, Gramsci parecia já ter definido sua opção filosófico-pedagógica. Contra a concepção de ajudar o indivíduo a desenvolver aquilo que já teria de modo latente, sem nenhum tipo de coerção e deixando que houvesse a força espontânea da natureza, ele propunha que:

o homem é toda uma formação histórica, obtida com a coerção (entendida não só no sentido brutal e de violência externa) e é quanto basta; de outro modo, cairíamos numa forma de transcendência ou de imanência. O que se julga forma latente não é, além do mais, senão o complexo informe e indistinto das imagens e das sensações dos primeiros dias, dos primeiros meses, dos primeiros anos de vida, imagens e sensações que nem sempre são as melhores que imaginamos. Este modo de conceber a educação como o desenrolar de um fio preexistente teve a sua importância quando se o contrapôs à escola jesuítica, isto é, quando negava uma filosofia ainda pior, mas hoje está por sua vez superado. Renunciar a formar a criança significa apenas permitir que sua personalidade se desenvolva recebendo caoticamente do meio em geral todos os motivos vitais (Gramsci, 1978, p. 145-146).

Nessa perspectiva, o pensamento gramsciano se opõe à concepção rousseauiana que tem alimentado as concepções sobre a criança desde o século XVIII. Gramsci defende que o homem é produto de sua formação histórica obtida por meio da coerção. O teor dessa afirmação atesta a importância da visão educacional de Rousseau, ao mesmo tempo em que serviu para opor-se à pedagogia tradicional católica conduzida pelos jesuítas. Em seus escritos, Gramsci também discute a questão escolar e se mostra muito interessado por ela. Ele descreve que a finalidade do que chamou de "escola única" consiste em:

conduzir as crianças no sentido de um desenvolvimento harmônico de todas as atividades, até ao ponto em que a personalidade formada ressalte as inclinações mais profundas e permanentes porque nascidas num nível mais alto de desenvolvimento de todas as forças vitais etc. (Gramsci, 1987, p. 259).

Mais à frente, ele sugere uma linha pedagógica que delinea o modelo de escola que consiste em uma:

Escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades do trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo (Gramsci, 1982, p. 118).

Essa escola proposta por Gramsci é o resultado de sua reflexão sobre o Estado. Para ele, os direitos civis, como a ampliação da democracia, das liberdades e o direito político de escolher seus governantes, não têm valor se as massas não têm condições de se organizar politicamente e de expressar suas ideias de forma coerente, clara e unificada. Isso acontece porque lhes faltam elementos conceituais que só a educação pode fornecer. A escola gramsciana surge a partir dessa preocupação do autor em encontrar meios para elevar cultural e politicamente as massas. Ela vai além da mera formação para a cidadania e busca capacitar os trabalhadores a se emanciparem de sua condição de subalternos, ou seja, a se libertarem das formas de dominação e opressão que os mantêm em posição de inferioridade na sociedade.

Evidentemente, como “homem político”, Gramsci valorizava a importância do trabalho intelectual na formulação e disseminação de novas concepções de mundo capazes de elevar a consciência das massas e produzir novos comportamentos. Ele acreditava que essa transformação intelectual e moral era essencial para que os indivíduos pudessem romper com a direção do Estado capitalista.

Dentre os objetivos da educação para Gramsci, destaca-se a transformação dos homens e mulheres “comuns” em seres impelidos por uma vontade revolucionária, em militantes políticos com capacidade de criar condições favoráveis ao projeto histórico das classes subalternas em diferentes contextos. Para ele, “somente através de um trabalho comum e solidário de esclarecimento, de persuasão e de educação recíproca, nascerá a ação concreta de construção” (Gramsci; Bordiga, 1981, p. 33-34).

Para essa capacitação, é indispensável adquirir conhecimentos acumulados pela humanidade e assimilar teorias que possam ser instrumentalizadas para a ação política, além de dominar, pelo menos parcialmente, algumas ciências. No entanto, sem a compreensão do “sentimento popular” e sem se aproximar do “espírito da época”, ou seja, sem uma vontade espiritual para impulsionar essa ação, não é possível entender completamente o objetivo da militância e os caminhos a serem percorridos na perspectiva da revolução social.

A ESCOLA DA PAIXÃO: UMA LEITURA GRAMSCIANA DA FORMAÇÃO POLÍTICA

Essa necessidade, chamada por Gramsci de “paixão”, pode parecer romântica para alguns militantes, mas, na verdade, para o filósofo italiano, ela é uma das chaves para abrir o campo visual e se aproximar do real, do que “anda nas cabeças e nas bocas”.

O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado (não só pelo saber em si, mas também pelo objeto do saber), isto é, em acreditar que se possa ser um intelectual (e não um mero pedante) mesmo quando distinto e destacado do povo-nação, ou seja, sem sentir as paixões elementares do povo, compreendendo-as e, portanto, explicando-as e justificando-as em determinada situação histórica, bem como relacionando-as dialeticamente com as leis da história, com uma concepção do mundo superior, científica e coerentemente elaborada, com o “saber”; não se faz política-história sem esta paixão, isto é, sem esta conexão sentimental entre intelectuais e povo-nação (Gramsci, 1987, p. 139).

O despertar para a luta pode ocorrer sem que seja necessário o conhecimento. A postura ideológica adotada pelo indivíduo pode prescindir naturalmente de seu nível de escolaridade, no entanto, a superação de uma mentalidade inserida no senso comum só será possível se, além da opção ideológica, houver um trabalho de formação capaz de instrumentalizar o trabalhador com uma teoria revolucionária. De acordo com este raciocínio, educar por meio do trabalho significa proporcionar as condições necessárias para a compreensão dos princípios que regem a concepção e o funcionamento de um objeto e de sua produção.

A EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO POLÍTICA NO E DO PARTIDO

A prática pedagógica a ser levada a cabo pelo partido objetiva basicamente a formação de novos quadros e a composição de quadros necessários à reforma intelectual e moral; pode-se dizer à reforma cultural da sociedade em que se vive. Aqui é relevante a força que ele atribui ao papel educativo do partido, como pode ser percebido nesta passagem:

Hoje em dia um problema aflitivo impõe-se a todo socialista que tenha vivo o sentimento da responsabilidade histórica que pesa sobre a classe trabalhadora e sobre o Partido, que pela missão desta grande classe representa a consciência crítica e operante (Gramsci; Bordiga, 1981, p. 33).

Quando Gramsci define o partido político na sua relação com os intelectuais, ele afirma que se trata “[d]o modo” próprio de elaborar a categoria de intelectuais orgânicos, que se torna

assim, e não pode deixar de se tornar, dadas as características gerais e as condições de formação, de vida e de desenvolvimento do grupo social dado, algo que ocorre diretamente no campo político e filosófico e não mais no campo da técnica produtiva. Além disso, esse organismo proporciona:

a fusão entre os intelectuais orgânicos de um dado grupo, o grupo dominante, e os intelectuais tradicionais; e esta função é desempenhada pelo partido precisamente em dependência de sua função fundamental, que é a de elaborar os próprios componentes, elementos de um grupo social nascido e desenvolvido como “econômico”, até transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política (Gramsci, 1982, p. 14).

Entretanto, é importante destacar que a formação dos quadros políticos não deve ser diferenciada, com instrução científica – no sentido de formação teórica – para alguns, e educação política – no sentido de formação prática – para outros. O processo educativo em um partido deve prever um revezamento de todos os seus membros em funções diferenciadas para que sejam capazes de exercer qualquer papel em qualquer conjuntura, principalmente naquelas em que a repressão política os obriga à clandestinidade (sob pena de serem eliminados). Tais medidas não impedem a necessidade de uma divisão racional das tarefas, a fim de garantir o mínimo de eficiência em uma determinada organização.

Educar para a militância política consiste, deste modo, em multiplicar o potencial de ação de um ativista. A preocupação com um programa integrado de formação política significa, portanto, minimizar os desperdícios de recursos humanos e materiais de uma determinada organização voltada para a transformação, bem como um planejamento racional de intervenção em diferentes conjunturas políticas. No entanto, alguns problemas têm atrapalhado e, por vezes, liquidado um bom projeto de formação.

Muitas vezes, corre-se o risco de tomar como referência para um processo de formação política a prática imediata dos indivíduos, perdendo de vista os elementos principais de sua prática histórica. É como membros de uma classe – e não como indivíduos isolados – que sua trajetória de vida é traçada. Ao desenvolver a formação global de uma pessoa visando torná-la um militante político, não basta tomar uma experiência específica como referência, especialmente se estiver dissociada do processo histórico que a construiu. Isso se dá porque, em

primeiro lugar, não existe uma forma única de realização, mas várias, que se diversificam de acordo com diferentes conjunturas e indivíduos. Depois, porque tal experiência ou prática ocorre inevitavelmente em contextos contraditórios – não menos conflituosos –, como é o caso da sociedade de classes, o que ocasiona diferentes concepções não só do seu “fazer”, mas do seu “pensar-o-fazer”.

Se por um lado, é equivocado tomar a experiência imediata como critério de “verdade”, por outro lado, é possível prescrevê-la como referência no processo de formação. Experiências e práticas imediatas devem constituir um processo pedagógico, enriquecendo-o com seus exemplos, erros e acertos, mas não podem esgotá-lo, sendo um certificado de validade ou “verificação da verdade” na formação.

A inovação fundamental incorporada pela filosofia da práxis na ciência política e na história, segundo Gramsci, é a demonstração de que não existe uma “natureza humana” abstrata, fixa e imutável. Esse postulado certamente deriva do pensamento religioso e da transcendência, ao passo que a natureza humana é o conjunto das relações sociais historicamente determinadas, isto é, um fato histórico comprovável dentro de certos limites, por meio dos métodos da filosofia e da crítica. Portanto, a ciência política deve ser concebida, no seu conteúdo concreto e também na sua formação lógica, como um organismo em desenvolvimento.

Uma grande massa do povo pode acreditar na possibilidade de um novo mundo, mas para isso impõe-se a necessidade de um grande esforço educativo, formador de homens que gerarão um novo homem, construtor e sócio da nova sociedade humana. As ideias, os valores, os hábitos e as atitudes dos indivíduos sob a hegemonia burguesa, já sabemos, são profundamente contraditórios aos seus interesses históricos de classe.

A consecução do rompimento com essa dominação ideológica, a disseminação da crença na necessidade e possibilidade da construção de uma nova ordem das coisas e da relação entre as pessoas no mundo carrega consigo a condição prévia da sua divulgação, da propaganda revolucionária, de uma educação para a transformação, cuidando-se para que tal discurso não se perca nas esquinas dos projetos ou em chavões pouco eficientes. Conforme retoma Malraux (1968, p. 416), Mao dizia sabiamente que “a revolução é um drama passional; não conquistamos o povo apelando para a razão, mas sim fazendo nascer a esperança, a confiança e a fraternidade. Diante da fome, o anseio de igualdade adquire a força de um sentimento religioso”. Essa educação das consciências não pode se realizar, portanto, através do simples proselitismo ou de

“sólidas” argumentações teóricas capazes de explicar racionalmente determinadas situações ou conjunturas, sobre as quais Gramsci aponta que:

Todo aquele que sustente um ponto de vista contrário ao seu, enquanto é intelectualmente superior, sabe argumentar as suas ações melhor do que ele e, logicamente, o derrota na discussão. Deveria, por isso, o homem do povo mudar de convicções? Se fosse assim, poderia acontecer que ele devesse mudar de opinião uma vez por dia, isto é, todas as vezes que encontrasse um adversário ideológico intelectualmente superior. Em que elementos baseia-se, então, sua filosofia? E, especialmente, a sua filosofia na forma que tem para ele maior importância, isto é, como norma de conduta? O elemento mais importante, indubitavelmente, é de caráter racional: é um elemento de fé. Mas, de fé em quem e em quê? (Gramsci, 1987, p. 26).

Um processo de formação que considere tais questões ou que contemple aspectos ideológicos em sua metodologia precisa de referências materiais e concretas que sejam representativas de uma utopia revolucionária. Sem a consciência das realidades básicas da vida, o indivíduo carrega consigo conceitos interiores, símbolos e imagens incutidos desde o nascimento por um conjunto incontável de expedientes e instituições, sistemática ou assistematicamente.

Em todos os momentos da vida humana, o ser humano procurou representar determinado sentimento ou norma de conduta utilizando-se de símbolos concretos, visíveis e compreensíveis, tais como amor/coração, perigo ou morte/caveira, paz/pomba, fertilidade/coelho, entre outros. Essa dinâmica não envolve somente objetos e coisas, mas também imagens de pessoas que possam ser utilizadas como referências capazes de suscitar em grandes massas um sentimento impulsionador para sua ação.

Veja-se Sandino na Nicarágua, Farabundo Marti em El Salvador, Che Guevara em Cuba e em outras partes do mundo, dentre outros. É importante ressaltar que, profundamente diferentes da prática do culto à personalidade, essas referências não criam heróis individuais, mas procuram reviver a figura do mártir enquanto símbolo da construção coletiva e da luta de todos contra um mal comum, em coerência com suas próprias lutas enquanto estavam vivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto da teoria gramsciana continua pertinente e atual à realidade brasileira, sobretudo no que concerne à educação. Atualmente, vive-se um período de reconstrução do Estado de direito e da democracia, bem como de reconstrução de referências políticas para as massas, reconstruindo os Aparelhos Privados de Hegemonia das classes subalternas até a consolidação de uma direção política das classes trabalhadoras que aponte para as necessárias transformações sociais representativas do rompimento com a lógica do capitalismo.

Trata-se de um quadro muito mais complexo, no qual as classes dirigentes, na perspectiva do capital financeiro, estão muito mais experientes e ativas, após terem transitado no Brasil do golpismo de 2016 ao governo profascista de 2019 a 2022. Utilizando mecanismos diversos e sofisticados de cooptação, desarticulação e perseguição da classe trabalhadora, suas ações vão desde a relativização das relações de trabalho e dos direitos trabalhistas e previdenciários, até a tentativa de genocídio dos povos tradicionais e originários, o sucateamento de serviços e organismos públicos, e a entrega de ativos nacionais a empresas estrangeiras. A rigor, visando o trabalhador, a burguesia desenvolve um processo de (de)formação política e ideológica, inculcando cotidianamente seu projeto histórico de exploração do homem pelo homem como o único e válido projeto “universal”, “possível” e “benéfico”.

Um trabalho de formação para as classes trabalhadoras deve, portanto, constituir-se em uma iniciativa de produzir uma alternativa política e ideológica (histórica) capaz de conquistar um número cada vez maior de adeptos. Neste sentido, a formação é militância, pois objetiva multiplicar o potencial de ação de um ativista e, assim, ampliar o poder de luta das classes dominadas contra as classes dominantes.

Há alguns anos, os movimentos sociais têm criado, com relativo êxito, um novo tipo de educação. Fruto da iniciativa dos movimentos populares, em quase todos os rincões brasileiros, nasceram experiências de formação política que cumpriram ou vêm cumprindo um papel fundamental na organização e na luta das classes trabalhadoras. Embora nascidas das necessidades concretas de produção e reprodução de quadros, é importante que saibamos definir os limites dessas contribuições, visando torná-las potentes alavancas de impulsão às lutas populares no Brasil. Quanto mais se pensa nisto, mais figura a importância de Gramsci e de suas reflexões sobre a educação para a revolução.

REFERÊNCIAS

DAMASCENO, A.; GOLOBOVANTE, S.; RESCHKE, M.

BROCCOLI, Angelo. **Antonio Gramsci y la educación como hegemonía**. 5. ed. México, D.F.: Nueva Imagem, 1987.

COUTINHO, Carlos Nelson. **A democracia como valor universal**. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1980.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **O manifesto comunista**. 5.ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cartas do Cárcere**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GRAMSCI, Antonio; BORDIGA, Amadeo. **Conselhos de fábrica**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MACCIOCHI, Maria-Antonietta. **A favor de Gramsci**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MALRAUX, André. **Antimemórias**. São Paulo, DIFEL, 1968.